



Protestantes revolucionários em Cuba revolucionária*

Wellington Teodoro Silva^a

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

<http://orcid.org/0000-0002-4830-7533>

RECIBIDO: 13-03-24. APROBADO: 27-11-24

Resumo: Este artigo trata da relação entre o protestantismo e a Revolução cubana. De modo mais circunstanciado, trata do protestantismo que apoiou a revolução e seu relacionamento com o regime instaurado com a vitória no ano de 1959. A Revolução cubana foi marcada por diferentes períodos. No imaginário comum, está registrado com mais densidade o romantismo dos guerrilheiros barbudos vestidos de verde-oliva dos anos 1960. No percurso dessa revolução, houve décadas em que a relação com fiéis religiosos se marcava por tensões. As dificuldades existiam mesmo quando os fiéis apoiavam aberta e honestamente a revolução. Essa dificuldade, no específico do caso cubano, aconteceu por causa da influência da experiência soviética. Esse artigo trata dessa tensa relação entre protestantes que apoiavam a revolução e o regime revolucionário cubano.

PALAVRAS-CHAVES: Protestantismo e Revolução cubana; Revolução cubana; igrejas e revolução; protestantismo e política; protestantismo e ateísmo; cristianismo e marxismo; presbiterianos e Revolução cubana.

* artigo de reflexão.

^a Autor de correspondência. E-mail: wteodorosilva@gmail.com

Protestantes revolucionários en la Cuba revolucionaria

RESUMEN: Este artículo trata sobre la relación entre el protestantismo y la Revolución cubana. De manera más detallada, se refiere al protestantismo que apoyó la revolución y su relación con el régimen que triunfó en 1959. La Revolución cubana estuvo marcada por diferentes períodos. En el imaginario común, la visión de los años 60, de guerrilleros barbudos, vestidos con verde oliva está registrada de manera más nítida. Durante el curso de la revolución, hubo décadas en las cuales hubo tensión en la relación del régimen con los creyentes. Incluso hubo dificultades cuando los creyentes apoyaban la revolución de manera sincera. Tales dificultades, en particular, en el caso cubano, se dieron por la influencia de la experiencia soviética. El presente texto planteará la relación tensa entre protestantes que apoyaron la revolución y el régimen revolucionario cubano.

PALABRAS CLAVE: Protestantismo y Revolución cubana; Revolución cubana; Iglesias y revolución; protestantism y política; protestantismo y ateísmo; cristianismo y marxismo; presbiterianos y Revolución cubana.

Protestant Revolutionaries in Revolutionary Cuba

ABSTRACT: This article deals with the relationship between Protestantism and the Cuban Revolution. In a more detailed way, it deals with the Protestantism that supported the revolution and its relationship with the regime established in 1959. The Cuban Revolution was marked by different periods. In the common imagination, the romanticism of the bearded guerrillas dressed in olive green from the 1960s is more densely recorded. During the course of this revolution, there were decades in which the relationship with religious believers was marked by tensions. Difficulties existed even when the faithful openly and honestly supported the revolution. This difficulty, specifically in the Cuban case, occurred because of the influence of the Soviet experience. This article deals with this tense relationship between Protestants who supported the revolution and the Cuban revolutionary regime.

KEY WORDS: Protestantism and the Cuban Revolution; Cuban Revolution; Churches and revolution; Protestantism and politics; Protestantism and atheism; Christianity and marxism; Presbyterians and the Cuban Revolution.

CÓMO CITAR:

Silva, Wellington Teodoro. "Protestantes revolucionários em Cuba revolucionária". *Theologica Xaveriana* vol. 75 (2025): 1-19. <https://doi.org/10.11144/javeriana.tx75.prcr>

A presença sistemática do protestantismo em Cuba acontece com o fim da colonização espanhola. O regime de padroado impedia que outras igrejas que não fosse a Católica mantivesse presença ampla por causa da condição de coisa oficial que essa instituição gozava. Os primeiros movimentos de uma rotina protestante aconteceram a partir dos Estados Unidos mantendo forte influência de suas sedes. Marcavam-se, via de regra, por uma experiência intimista e conservadora mantendo-se distantes da vida política do país. No entanto, os processos de lutas contra a ditadura de Fulgêncio Batista contaram com a participação de muitos protestantes tanto na guerrilha urbana quando em Sierra Maestra que chegou a contar com capelães protestantes.

Essa participação aconteceu por iniciativa pessoal. Não houve associação ou apoio formal de igrejas. No caso urbano, que era teatro de combate mais arriscado que no meio rural, aconteceu a morte do protestante e filho de pastor batista Frank País a quem Fidel Castro considerou o mais capaz, útil e valioso dos combatentes. Sua morte causou grande comoção e foi considerada pelos comandantes da revolução como irreparável. Frank era protestante e filho do pastor da Primeira Igreja Batista de Santiago de Cuba.

Após a vitória da revolução em 1959, possivelmente por causa da influência norte americana, diversos pastores e fiéis protestantes saíram no país provocando importantes vazios nas igrejas locais. Ao longo das décadas seguintes, sobretudo a partir dos anos 1970, muitos membros, incluindo reverendos, passaram pela experiência de serem malvistas e repreendidos dentro de suas igrejas por apoiarem a revolução. Por outro lado, eram vistos com preconceitos pelo Partido Comunista, Juventude Comunista, escolas etc.

A discriminação das pessoas religiosas aumentou na medida em que aumentava o processo de sovietação do regime. A influência soviética teve ondas menores ao longo da década de 1960 e, a partir da década de 1970, aconteceu de maneira mais intensa e sistemática. A disciplina “ateísmo científico” chegou a ser ofertada entre os anos 1976 a 1991, aproximadamente, nos cursos universitários de Filosofia Marxista Leninista; Direito, Psicologia e História bem como nas escolas do Partido. O ano de 1971 é o ponto de inflexão para o adensamento do processo de sovietação¹.

Não obstante, em diversas oportunidades, Fidel Castro registrou que nunca houve dificuldades entre os protestantes e a revolução. Tanto em Cuba quanto fora do país, seus encontros foram marcados pela cordialidade mútua. Vale o exemplo do ato comemorativo do V Aniversário da associação norte-americana “Pastores pela Paz” que aconteceu no dia 3 de agosto de 1993. Ela foi fundada pelo pastor batista Lucius

¹ Sobre esta afirmación, ver Fornet, *El 71 – Anatomía de una crisis*.

Walker no ano de 1988 em solidariedade ao povo cubano e como resposta à política agressiva contra a América Latina de Ronald Reagan. O reverendo Walker marcou-se por sua forte oposição ao bloqueio norte-americano contra a ilha e por apoiar aos cubanos em caravanas anuais que permanecem acontecendo até o tempo presente.

Fidel inicia seu discurso fazendo brincadeira com o grande calor que fazia no teatro conforme a citação a seguir. Deixamos os registros de *risos* feitos pela versão taquigrafada do Conselho de Estado para dar um pouco mais do espírito de cordialidade do momento.

Companheiras e companheiros da presidência, queridas companheiras e queridos companheiros da Caravana da Amizade e da organização dos Pastores pela Paz: Creio que o único lugar do mundo onde hoje faz mais calor do que no ônibus de Lucius Walker é aqui neste teatro (risos e aplausos). Não sei se faltou eletricidade, não sei se os organizadores quiseram economizar muito, não sei se faltaram peças para o ar condicionado (risos), não sei se alguém queria nos dar uma ideia mais exata do inferno (risos); mas o fato é que nos foi dado o lugar mais quente da terra.²

Como dito acima, os protestantes que buscavam inserção nos processos revolucionários sem abrir mão da sua confissão pública de fé viveram um percurso de dificuldades sofrendo preconceitos tanto da sua comunidade religiosa quanto do Partido. Essa trajetória também marcou, sobretudo, a juventude. Até o IV Congresso do Partido Comunista de Cuba, acontecido em 1991, que definiu que o ateísmo não era condição necessária para a militância partidária e a reforma da Constituição realizada no ano de 1992 que definiu o caráter laico do Estado, os protestantes cubanos viveram processos de tensão por sua fé revolucionária.

A seguir, trataremos desse percurso. Como linha de pesquisa e organização final desse artigo, iniciamos pela influência do pastor presbiteriano Sérgio Arce e terminamos com o encontro acontecido entre Fidel Castro com lideranças protestantes no início da década de 1990. Esse tema está tratado em outra publicação de nossa lavra, fizemos adequações para que possa ser publicado no formato de artigo, nesse formato, o trabalho é inédito e acreditamos que seja da máxima importância intelectual que temas dessa natureza sejam tratados pela universidade, sobretudo no atual momento em que o protestantismo parece ter, no ambiente político e acadêmico, uma espécie de necessária vinculação com o reacionarismo.

² Castro, “Discurso pronunciado por el comandante en jefe Fidel Castro Ruz, primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el acto conmemorativo por el V Aniversario de la Fundación de Pastores por la Paz, celebrado en el teatro ‘Manuel Ascunce Domenech’”, 1.

Sérgio Arce: Protestantismo em revolução

O pastor presbiteriano Sérgio Arce foi docente do Seminário Teológico de Matanzas a partir de 1947; professor do *Pacific School of Religion* (Berkeley, Califórnia); em seminários de São Francisco; na *Union Theological* da Universidade de Columbia (em Nova Iorque); e no *Seminário Emmanuel* da Universidade de Toronto (Canadá). Ele foi deputado na Assembleia Nacional durante 15 anos e eleito pela primeira vez em 1992, junto com o pastor batista Raúl Suárez.

Ele proferiu uma conferência para membros do Partido Comunista de Cuba sobre a relação entre cristãos e a revolução. Sua palestra se estrutura no pensamento teológico que trata do humanismo e da emancipação como ponto de encontro em marxismo e cristianismo. Entende existir pontos de confluência que são fundamentais de modos a deixar as demais questões divergentes como temas periféricos. Compreende as naturezas das proposituras do cristianismo e marxismo sem promover uma redução entre ambos. O humanismo e a emancipação do marxismo é uma produção moderna, que como afirma Frans Hinkelammert, não é um ressurgimento de algo antigo, mas uma produção original.

Los conceptos de humanismo y de emancipación humana son creaciones de la propia modernidad, como aparece a partir del Renacimiento en la Europa de los siglos XV y XVI. Tienen obviamente muchos antecedentes de la historia europea anterior. Sin embargo, no son recuperaciones de algo anterior, como la palabra renacimiento podría insinuar. No renace algo anterior, aunque el propio Renacimiento lo concibe así. Se trata de creaciones nuevas a partir de un mundo, que desde este momento es concebido cada vez más como un mundo secular y disponible.³

Por meio de seu relato, alcançamos elementos importantes para compreender a trajetória protestante diante do governo revolucionário. Inicia sua fala informando que cursava doutorado em Princeton (Nova Jersey), quando tomou a decisão de voltar para Cuba. O triunfo da revolução motivou a migração da maioria dos pastores que trabalhavam na ilha. Havia sessenta pastores da Igreja Presbiteriana e apenas dez permaneceram lá. Assegura que o principal motivo de sua decisão de retornar foi o conhecimento dos relatos desses ministros religiosos que chegaram nos Estados Unidos. Em tom aparentemente irônico, disse que eles se foram com medo das “garras marxistas, depredadoras de todo espiritual, e das leninistas, negadoras da liberdade”⁴.

³ Hinkelammert, “Pensamiento crítico y crítica de la razón mítica”, 401.

⁴ Arce, “Cristianismo y comunismo o comunismo y cristianismo”, 65.

Arce não acreditava nos relatos de colegas pastores que fugiram com medo de perseguições dos comunistas. Identificou que davam notícias falsas sobre atividades antirreligiosas do governo. Entendia que essas narrativas não se acomodavam ao perfil dos combatentes que ele conheceria. Alguns pastores o visitaram em Princeton contando histórias amedrontadoras que tinham sido vítimas. Disseram-lhe que as igrejas eram cercadas e pastores e padres eram presos sem razão alguma. Além disso, ameaçavam os pais de família de perderem o emprego se fossem ou enviassem seus filhos à igreja. Com essas histórias, tentavam convencê-lo a não regressar para seu país.

Esses relatos pareciam-lhe falsos. Ele participava como pastor das lutas contra a ditadura de Fulgêncio Batista junto com a militante que viria a ser esposa de Che Guevara. Ele conhecia a mentalidade desses militantes e não acreditava que pudessem promover tais práticas. Tomou a decisão de regressar ao país pensando que se o que diziam fosse verdade, entraria para a história da Igreja como mártir da fé cristã. Contudo, ironicamente, disse para a plateia de comunistas, que teve grande desilusão ao chegar: seu nome não entraria para a história como mártir.

Chegando na ilha envolveu-se na revolução participando da Defesa Civil e do Comitê de Defesa da Revolução do quarteirão onde vivia. Antes de 1959, os pastores presbiterianos fundavam escolas nos locais onde se instalavam. Esse fato deu a Sérgio Arce experiência nas lidas com o tema da educação. Por isso, nos primeiros anos da revolução, ele foi convidado por membros da Direção Provincial de Educação para trabalhar na inspeção de escolas secundárias básicas e do pré-universitário. Portanto, no início do governo, ele estava inserido nos processos da revolução.

Após tratar de sua trajetória de pastor, passa a tratar do tema da conferência. Esperava demonstrar, desde sua visão cristã, que não existia diferença essencial entre ser um cristão e um comunista verdadeiros. As diferenças são secundárias e cada um contribuiria de modo particular para construção da pátria socialista. Informa que seu objetivo diante de “um grupo tão seletivo de comunistas” era demonstrar que ser cristão é sinônimo de ser comunista⁵.

Trata das influências sofridas por Karl Marx em sua infância. Seu pai se convertera ao cristianismo por conveniência. Acredita que, no fundo, ele pensava e atuava segundo um de seus filósofos preferidos, Gotthold Ephraim Lessing, que lhe havia convencido ser bom para as sociedades que a religião fosse abandonada pelos princípios da ilustração. Informa que na adolescência Marx lia escondido os livros da biblioteca de seu pai que continha obras de Voltaire, Saint Simon e dos enciclopedistas franceses.

⁵ Ibid., 66.

Desse modo, prossegue Arce, antes de entrar na universidade, Marx já tinha formado seu pensamento no ambiente cultural doméstico. A literatura doméstica o formou distante do pensamento religioso e contrário a ele. Sendo assim, não seria estranho que se tornasse “aparentemente, inimigo de todo tipo de religião, sem fazer distinção alguma entre as distintas maneiras de ser religioso, nem entre as diferentes religiões”⁶. Também não pensou que poderia existir a possibilidade de afirmar Deus de maneira não religiosa. Ao afirmar isso, Arce assegura que muitos dos companheiros e companheiras ateus e ateias que conhecia afirmavam Deus de uma forma não religiosa. Referia-se aos comunistas que ele entendia fazer a vontade de Deus na promoção da justiça sem serem religiosos. As igrejas, portanto, não tinham o monopólio de Deus e seus fiéis não tinham o monopólio de fazer Sua vontade.

Portanto, não é necessário ser ateu para ser comunista. O próprio Partido havia resolvido essa questão no IV Congresso. Lembra que os seguidores de Jesus tinham apenas uma bolsa onde guardavam o dinheiro. Colocavam a riqueza em comum, portanto, pode-se dizer que eram comunistas. Também lembra que o apóstolo Paulo manifestava intensamente a ideia de igualdade entre todos os homens. Essa perspectiva de bem comum era a mesma defendida pelo Partido. Afirma que após a morte de “Jesus, o comunista”⁷ a história eclesial se organiza na experiência “verdadeiramente comunista, a única que certamente existiu até o dia de hoje”⁸. Cita o texto dos Atos dos Apóstolos, 2-44 e 45 que diz que na congregação dos que creram ninguém dizia ser seu o que possuía; não existiam necessitados entre eles. Esse foi, assegura, a primeira e única experiência comunista que existiu de modo documentalmente comprovado. Contudo, fracassou. Rosa de Luxemburgo entende que esse fracasso aconteceu porque esperavam a volta iminente do Redentor. Por isso, não se ocuparam em reestruturar a sociedade; dividiam o resultado da produção e não os meios de produção. Segundo Arce, Marx explicou esse fracasso dizendo que os fiéis estavam associados no nível religioso, faltou-lhes associarem-se no nível político.

Tratando de modo detido do ateísmo, pergunta o que vem primeiro, ser ateu ou ser comunista. Em tese, Marx foi ateu antes de ser comunista; o mesmo pode se dizer de Lênin. O comunismo ou o marxismo, entende, não conduz necessariamente a pessoa para o ateísmo. Do mesmo modo, ser ateu não faz a pessoa ser marxista ou comunista. Lembra que o ateísmo era o argumento recorrente dos comunistas para se diferenciarem dos cristãos. Defende que o radical humanismo de Marx possui matriz

⁶ Ibid. 67.

⁷ Ibid. 68.

⁸ Ibid. 68.

no cristianismo posterior ao segundo século. Seu humanismo seria uma espécie de secularização da compreensão cristã do humano. De ser assim, seu anticristaníssimo e ateísmo não poderia ser tão dramático. Ele era um humanista radical e o cristianismo era uma matriz de pensamento que teria inaugurado a radicalidade humanista em um Filho de Deus que vive a condição humana na história. Marx desejou e lutou por relações humanas dignas. Isso é verdade, apesar da inescrupulosa propaganda permeada de ódio antimarxista “contra o comunismo, tratando de desprestigiar sua motivação humana negando toda a brilhante carga de humanismo que houve em Marx”⁹.

Arce também aponta coincidências entre os humanismos de Marx e de Jesus em seus respectivos momentos históricos e seus fundamentos ideológicos. Ambos criticaram as estruturas religiosas de seus tempos. Marx criticou a igreja que se dizia cristã sem ser. Por seu lado, Jesus criticou as estruturas éticas, sociais e políticas do templo que o rei Herodes, o Grande, havia mandado construir em Jerusalém.

O modo de vida e os ensinamentos de Jesus, a aceitação de quem ele aceitou e a condenação de quem ele condenou visou a destruição de “toda a podridão ético-religiosa do templo de Jerusalém, base sócio-política e econômica da condição de colônia que caracterizava a Palestina de então”¹⁰. Seu humanismo levou-o a lutar contra o templo; era motivado pelo amor aos seres humanos que viviam a irracionalidade daquela sociedade onde os ricos vitimavam os pobres. Por sua vez, Marx não dirigiu críticas à Jesus, mas às estruturas eclesiais. Para demonstrar essa afirmação, cita o seguinte fragmento de um livro que sua filha Leonor escreveu.

Recordo-me bem que quando tinha cinco ou seis anos de idade tive dúvidas religiosas ao entrar, por curiosidade, em um templo da Igreja Católica Romana... que naturalmente as contei a Moro, e como Moro em sua forma tranquila de falar me explicava tudo de um modo muito claro e nítido, que desde então e até hoje não me veio sequer a menor dúvida sobre o que me dizia! E que maneira me narrou a história de um filho de carpinteiro a quem os ricos mataram, de uma maneira em que creio não foi narrada nem antes e nem depois!¹¹

Arce pergunta por que Marx teria tratado Jesus dessa maneira carinhosa com uma criança de cinco ou seis anos. Não disse que era uma fantasia ou uma criação da Igreja para explorar e alienar os pobres. Eventos como esse o faz compreender que o combate de Marx não era dirigido à pessoa de Jesus, mas à instituição que usava seu nome para explorar os fiéis. Podemos inferir que sua compreensão seguia o percurso

⁹ Ibid., 69.

¹⁰ Ibid., 69.

¹¹ Ibid., 70.

analítico do movimento protestante latino americanos nos anos 70 e o marxismo. Ele não foi assumido como uma macroteoria capaz de explicar todo os aspectos da história humana e do humano na história. Seu materialismo era o principal ponto de divergência. No entanto, ele fora recebido como teoria eficiente para a análise de diversas questões centrais sobre o problema social e econômico. Os teóricos protestantes sentiram-se interpelados de modo relevante e, ao mesmo tempo, interpelaram o marxismo em seus aspectos compreendidos como redutores do humano por encerrarem-no no imanente¹².

Concluindo sua conferência, trata de um folheto que o Conselho de Igrejas de Cuba publicou com autorização e beneplácito do Partido Comunista no ano de 1965, intitulado “A missão da igreja em uma sociedade socialista”. No seu prefácio, o pastor Raúl Ceballo Fernández explica as motivações da publicação. Existiam cristãos que consideravam o comunismo como o grande inimigo do cristianismo. Contrário a essa ideia, convidou os leitores a meditar nas palavras do teólogo Karl Barth que afirmou que apenas o Hitler que o ser humano poderia levar dentro de si seria capaz ser anticomunista por princípio.

Ele destaca duas ideias desse texto. A primeira trata do fato de que tanto cristãos quanto marxistas recusam os deuses criados pela filosofia idealista. Na segunda, defende que os cristãos estão à frente dos marxistas, segundo os princípios do próprio Marx: movem-se dialeticamente ao negar a negação de Deus feita pelos marxistas. Conclui a conferência com as cinco afirmações a seguir retiradas desse folheto:

(1) O princípio revolucionário marxista é o único princípio revolucionário do presente século; (2) o capitalismo, com sua concepção materialista do trabalho como mera mercadoria, segundo definiu Marx, é o sistema mais anticristão que existiu; (3) a crítica profética de Karl Marx ao trabalho foi apreciada, considerada, estudada e aceita pelos mais importantes teólogos contemporâneos, sem exceção alguma; (4) na crítica marxista ao cristianismo, Deus nos fala profeticamente de maneira especial em seu ateísmo; (5) a Igreja do Canadá disse que o marxismo é um instrumento mais dócil nas mãos de Deus para a realização de sua vontade na história contemporânea do que a própria Igreja. Deus fala a todo verdadeiro cristão por meio do marxismo, ao chamar para nos renovarmos no campo ideológico-social e ideológico-teológico.¹³

Arce participou da escrita da confissão de fé da Igreja Presbiteriana Reformada de Cuba, em 1977. O texto apoia a revolução fundamentando-se nas bases da tradição

¹² ver, por exempli, Schaul, *De dentro do furacão: Richard Shaul e os primórdios da teologia da libertação*.

¹³ *Ibid.*, 71.

reformada, porém muitos protestantes consideraram que ele foi excessivamente defensor da revolução. Segue fragmento do documento:

A luta de classes que se manifesta na Bíblia na contradição evidenciada entre opressores e oprimidos, entre “justos” e “injustos”, entre ricos que exploram e pobres explorados, junto com a proclamação de Deus, “Promotor da Justiça”, obriga a Igreja a aceitar a relação estreita entre o Reino de Deus pelo qual oramos e a realização da justiça, e por tanto, da paz no mundo.¹⁴

O pensamento de Sérgio Arce influenciou gerações posteriores de teólogos protestantes cubanos. Além do campo protestante, suas alcançaram setores e quadros intelectualizados do Partido como Fernando Martínez Herédia, membro fundador do Partido Comunista de Cuba e um dos mais destacados intelectuais da revolução cubana. No artigo “Sergio Arce, teología y revolución”, Martínez Herédia entende que Arce ajudou a formular os fundamentos para ação dos cristãos a partir da teoria revolucionária marxista¹⁵. Seu pensamento surgiu em um momento em que setores do protestantismo cubano associavam-se à revolução sem um pensamento que pudesse fazer adequada mediação entre a fé cristã e a prática revolucionária. Esses protestantes não aceitavam o ateísmo científico que Herédia chama de ideologia europeia burguesa, filha de suas lutas contra o antigo regime. Esses cristãos eram marxistas e viam os graves problemas do marxismo vulgarizado pela experiência soviética. Defendiam a revolução, constatavam e condenavam as cooperações contrarrevolucionárias de muitas hierarquias religiosas.

Juventude protestante e revolução: conflitos

A juventude protestante descobriu Sergio Arce quando ele retornou a Cuba, fazendo o movimento contrário da maioria dos demais pastores. Essa juventude também se envolvia na mística da Revolução cubana e estava sem referências teológicas para a agirem na condição de cristãos. Arce ajudou esses jovens a sustentarem o antiateísmo dentro da perspectiva revolucionária. Exerciam intensa atividade e Arce os estimulou a estudar para aprofundar o conhecimento teológico com vistas a responder como cristãos ao intenso momento político que o país vivia. Insere a revolução na economia da salvação ensinando aos jovens que o revolucionário era livre e salvo, uma vez que sua ação é libertação e salvação.

¹⁴ “Confissão de fé de 1977 da Igreja Presbiteriana-Reformada em Cuba. Aprovada na XI Assembleia Nacional celebrada em Matanzas nos dias 28 a 30 de janeiro de 1977 (La Habana: Editorial Orbe, 1978), citado por Cervantes-Ortiz, “Sergio Arce: fé protestante en medio de la revolución”, 38.

¹⁵ Martínez Heredia, “Sergio Arce, teología y revolución”, 41-43.

A formação teológica era demandada pelos jovens e outros grupos que entendiam que o discurso ateu oficial não era razoável. Careciam de uma formação teológica estruturada para se inserirem como dialogantes no contexto da revolução. Sergio Arce cumpriu a tarefa de oferecer mediações teológicas para os cristãos se associarem aos processos revolucionários, até onde a revolução permitia, mantendo-se como respeitáveis interlocutores. Mantinham as atividades do mundo inserida num horizonte de transcendência.

A ex-aluna de Arce, Kirenia Criado, lembra uma de suas frases: “Todo momento histórico criativo é momento de grande atividade divina”¹⁶. Arce acreditava que o cristão deve se envolver na revolução, porque ela é momento cheio da ação criadora de Deus que tem como essência sua condição de “criador”. Criar é atividade divina. Mais que criador, Ele é criatividade. A teologia deveria se fundamentar na Sua atividade criativa. Sem a atividade criadora, nada existiria, nem mesmo Deus. Ao cristão, portanto, cumpria a tarefa de criar na máxima potência, a saber, ser revolucionário. Arce também dizia nas aulas que “a palavra que cria é palavra de Deus, portanto eterna: quando Deus disse: faça-se luz, o firmamento, as águas e o ser humano o dizem até hoje. É a presença criadora de Deus na história de todos os dias, de todos os acontecimentos”¹⁷.

Acreditava que a revelação bíblica é eminentemente humanista. O aparecimento do ser humano representou um salto qualitativo único na natureza. Esse foi o momento revolucionário supremo que não ainda segue acontecendo. Desse modo, o pecado do Gênesis deu-se quando o ser humano interrompeu o processo de desenvolvimento da criação; absolutizou e sacralizou as estruturas que criou. Ao fazer isso, ele se absolutiza desumanizando-se caindo na alienação existencial profunda, dobrando-se sobre si, fechando-se para o transcendente. Ao pretender ser Deus, fecha-se para o processo da criação divina.

Por seu lado, o processo revolucionário é criador-libertador. Essas estruturas sacralizadas pelo humano rompem-se produzindo um ser humano que que revoluciona as estruturas e se revoluciona, abrindo-se para a participação da criação divina. Portanto a Igreja e a revolução, no caso, deveriam combater as institucionalizações e evitar as ideias dogmáticas e combater as falsas críticas e as ideias esquemáticas e convencionais por amor à criatividade. Amar e criar fazem o humano ser imagem e semelhança de Deus que é amor e criador.

Kirenia Criado ainda diz que seu professor afirmava que em todos os tempos os revolucionários se convertem em vias de realização da criatividade divina em seu

¹⁶ Criado, “El maestro Arce”, 45.

¹⁷ Ibid., 44.

momento histórico. Esperançoso com o momento latino-americano, pensava que a teologia deveria acompanhar e se alegrar com as grandes revoluções que nasciam no continente. Eram momentos de anúncio da justiça em um mundo onde todos se salvariam juntos ou morreriam juntos. As revoluções na América Latina poderiam se converter em momentos de grande atividade divina.

A juventude protestante cubana carecia de mediações teológicas para dialogar com a revolução. A teologia existente era importada dos Estados Unidos e, sobretudo, conservadora, pietista e fundamentando-se em princípios como: Deus está acima de tudo; o mundo é demoníaco; a Igreja e apolítica, além de ser conservadora quanto ao papel da mulher na sociedade e na própria igreja. Após a declaração caráter socialista da revolução esses setores reagiram com ferocidade. Os jovens que encontraram suporte teológico em Arce situavam-se entre aqueles fiéis que se envolveram no processo revolucionário desde a perspectiva da fé cristã. Entre eles houve posições que foram da moderação até à radicalidade. Essas opções foram motivos de demissões de pastores e outros foram obrigados pelas suas igrejas e congregações a fazerem opções dolorosas.

Nesse momento, o movimento ecumênico foi se consolidando permitindo que os protestantes afeitos ao processo em curso no país consolidassem o movimento ecumênico e organizassem novos modos de organizar o pensamento teológico. Estudavam o *Magnificat*, as mensagens dos profetas e a libertação do Egito à luz da nova situação. Nesse processo foram fundamentais o *Movimiento Estudiantil Cristiano*, MEC, e seu trabalho conscientizador; o Seminário Evangélico de Teologia em Matanzas, que produziu oficinas de formação de líderes; o Centro de Estudos do Conselho de Igrejas de Cuba e seu trabalho de formação das bases.

O *Movimiento Estudiantil Cristiano* foi fundado no fim do século XIX como um movimento progressista. Em Cuba, ele foi fundado no início da revolução, nos anos 1959 e 1960, com a participação do argentino Maurício López. Houve interrupção dos trabalhos na década de 1960. O retorno das atividades aconteceu na década de 1970, época que não havia muito diálogo com o governo. Possuía um coordenador por região e organizavam muitas atividades de estudos como as jornadas teológicas e bíblicas. O tema dos estudos passava pela preocupação sobre o que o cristão deveria fazer em uma sociedade socialista. Ex-membros informaram-nos que que eles estudavam marxismo mais que os membros da Juventude Comunista. Por vezes, ouviam desses jovens afirmações do tipo: / você é muito inteligente para estar em um grupo religioso.

Marianela La Paz é uma teóloga episcopal cubana e também informa que Sérgio Arce ensinou à geração dos anos 1960 o significado de ser cristão em uma sociedade socialista que divulgava o ateísmo. Ela faz um depoimento sobre constrangimentos

pelos quais passavam as pessoas que assumia publicamente sua fé. Essas situações aconteciam até mesmo nas escolas que ensinavam o ateísmo. Lembra que quando era estudante e alguém passava pela aula perguntando quem eram os religiosos, levantar a mão era, a princípio, embaraçoso, porque ela não se identificava com a palavra “religiosa” e sim “cristã”. Por vezes, ela debatia com colegas e professores que a consideravam um “bicho raro”. Ela ficava com a sensação de que o cristão era uma espécie em extinção.

O fato de ser filha de pastor tornava-lhe a situação mais difícil. As aulas na escola dominical eram solitárias porque a maioria dos protestantes saíram do país ou da Igreja. Os acampamentos de juventude reuniam apenas quinze a vinte jovens. Nesse contexto, as atividades ecumênicas eram momentos mais intensos que ofereciam espaços de reflexão a partir da rebeldia contra a discriminação que recebiam. Viveu o temor das pressões feitas por colegas da juventude do partido e por professores. Eles lhe propunham deixar a Igreja para que não tivesse problemas na sua carreira. Diziam que não teria oportunidade de fazer um curso universitário. Sua entrevista para entrar na universidade durou quase duas horas e quase todas as perguntas se relacionavam com a religião. Colegas da juventude comunista tentaram fazê-la desistir de sua fé. No entanto, quando começou a cursar medicina, foi uma das fundadoras de um destacamento de ciências médicas atendendo ao chamado do comandante Fidel Castro.

As situações de constrangimento nas escolas também são narradas por Ester Fuente. Não obstante, não terem passado por martírios ou perseguições, sua geração sofreu diversos tipos de provocação quando respondia afirmativamente à pergunta: “Você é religioso/a?”. Lembra-se de muitos momentos em que disse: “Sim, sou cristã”. Em uma dada oportunidade, uma professora lhe fez essa pergunta. Diante de sua resposta positiva, ela lhe respondeu: “Vem cá, menina, e se você tem fome? Deus lhe manda um prato de comida desde o céu?”. Ela respondeu que não, mas que lhe faria chegar de alguma forma. Em outra situação, um professor de marxismo lhe convidou para ter uma controvérsia para ver se lhe convencia ou vice-versa. A situação aconteceu diante de uma turma de trinta alunos com o professor e a estudante à frente discutindo marxismo e religião. Em situações como essas, saber que não estava sozinha ajudou a manter suas crenças firmes. Muitos irmãos e irmãs também passavam por essa situação. Eles se reuniam, dialogavam e buscavam modos de encarar esse problema e como responder a esse momento histórico. Buscavam mediações teológicas para seguirem na revolução como cristãos. Não negavam a revolução. Apenas recusavam seu caráter ateu.

Essa situação de tensão dos cristãos foi reconhecida em uma conversa que Fidel Castro teve com o pastor batista Raúl Suárez. O comandante lhe disse que eram

alvejados, por um lado, pelos pares protestantes que chegavam a promover expulsões em igrejas e congregações; por outro lado eram alvos dos comunistas.

Protestantismo e revolução: aproximação

Em fins de 1984, aconteceu um encontro entre quatorze líderes do Conselho Ecumênico de Cuba com Fidel Castro. O líder da revolução, avaliou que o diálogo entre cristãos e comunistas estava parado devido às experiências traumáticas e aos fundamentalismos de ambos os lados. Eram alimentados por uma educação cristã alienante e uma formação marxista-leninista dogmática e de manual. Suárez assegura que o livro *Fidel e a religião* foi como um ar fresco para muitas pessoas que seguiam contra a corrente para viver segundo o Evangelho dentro da revolução. Esses cristãos também estavam convencidos que a revolução lhes pertencia. Contudo, de maneira decepcionante, esse ar fresco não chegou no III Congresso do Partido Comunista que manteve a proibição de ingresso de cristãos em suas fileiras.

Suárez narra um evento que está entre aqueles de maior repercussão na relação entre cristãos e a revolução e que aconteceu após uma viagem de Fidel Castro ao Brasil. No ano de 1990, o presidente cubano veio ao país para a cerimônia de posse de Fernando Collor de Mello na Presidência da República. Aproveitou a ocasião para encontrar-se com teólogos da libertação e militantes das comunidades eclesiais de base e das pastorais sociais. Nesse evento, a militante católica Davina da Silva perguntou a Fidel por que em Cuba os cristãos não podiam ser membros do Partido Comunista. Fidel fez um recuo histórico sobre relações entre cristãos e revolução e acrescentou no fim: “Vou lhes dizer com franqueza, creio que se tivéssemos pessoas como vocês lá (em Cuba), estariam há tempos em nosso partido”¹⁸. Suárez prossegue dizendo que muitos protestantes que viveram suas opções sobre o fogo cruzado das hierarquias das igrejas e das fileiras da revolução assistiram com alegria a reportagem sobre esse encontro com essa fala do comandante da revolução. No entanto, também sentiram desgosto e surpresa. Eles eram comprometidos com a revolução, como poderiam não ser compreendidos dessa forma? Em que pese esse desgosto, viram nessa afirmação de Fidel “uma oportunidade e as mãos de Deus”¹⁹.

O reverendo Raúl Suárez era presidente do Conselho Ecumênico de Cuba e recebeu diversos telefonemas após essa declaração feita no Brasil. Ele escreveu uma carta para Fidel na qual afirmava estar surpreso com tal fala porque em Cuba existiam cristãos comprometidos com a revolução. Convidou-o para encontrar com líderes religiosos das

¹⁸ Suárez, “Ni calco, ni copia, ni dogma”, 48.

¹⁹ *Ibid.*, 48.

igrejas evangélicas cubanas e de seu movimento ecumênico. Esse encontro aconteceu no dia 2 de abril de 1990, 74 lideranças religiosas compareceram ao Conselho de Estado. Foram cordialmente recebidos por seus funcionários que lhes ofereceram café e refresco. Seguiram para o salão onde se reúne o Conselho de Estado sem conseguirem esconder a exaltação. O reverendo Raúl Suárez foi chamado para o interior do salão e regressou na companhia de Fidel Castro. O assombro e entusiasmo foram grandes: “Ter a sua frente um homem da estatura física e moral de Fidel te movia o chão”²⁰. Suárez buscou o fim da fila para deixar escapar as lágrimas que a emoção provocou. Fez isso em um local que lhe pareceu mais discreto em função da responsabilidade do momento. Deveria saber conduzir seus sentimentos. Todos se posicionaram para a reunião: Fidel, lideranças religiosas, membros do Conselho de Estado, um pequeno grupo de colaboradores de Fidel e de dirigentes do Partido.

O reverendo Raúl Suárez colocou a Bíblia sobre a mesa. Dirigindo-se para Fidel, disse que naquela hora de difíceis definições para o país, todos que estavam ali reunidos eram solidários com o povo, no amor à pátria e no reconhecimento do que significou a Revolução Cubana. Explicou que não estavam alheios à situação do país e que a convocatória do IV Congresso do Partido Comunista e o chamado para a unidade nacional oferecia uma oportunidade para a revolução eliminar todo o tipo de discriminação religiosa. A seguir, o reverendo acrescentou:

Nós, os cristãos cubanos, quando lhe ouvimos lá no seu encontro com os irmãos no Brasil ...nos deixou com uma pequena preocupação, e o senhor nos deu essa oportunidade aberta, franca de tratar estes assuntos [...] quando o senhor disse “se tivéssemos pessoas [...]”. Nesse momento, Fidel lhe interrompe e diz: “Tem toda a razão, antes que termine, lhe digo que tem toda a razão”.²¹

Nesse momento, houve risos e aplausos. Fidel continuou dizendo que deveria ter pensado neles e que tinha que se corrigir. Todos aplaudiram e risos emocionados tomaram a sala. Fidel prosseguiu dizendo que era justíssimo que pessoas como eles deveriam estar no partido. Joel Suárez se recordou, nesse momento, que quando era criança viajou com a mãe para os campos de Camagüey para encontrar o pai nas *Unidades Militares de Ayuda a la Producción*, UMAP. Sentiu que naquele momento as feridas começavam a se curar. O reverendo Raúl Suárez propôs as mudanças que os cristãos esperavam para o país e para as igrejas em seu compromisso de servir ao povo. Os fiéis eram limitados por incompreensões e discriminações abertas e sutis.

²⁰ A reunião durou seis horas. Também participou um pequeno grupo de judeus.

²¹ Suárez, “Ni calco, ni copia, ni dogma”, 48.

Manifestou confiança em Deus e no povo cubano em sua capacidade criativa de vencer dificuldades. Terminou a fala dizendo a Fidel:

Que a revolução saiba que, nessa hora que está vivendo, nos têm [...] em nossas igrejas. Quando estamos em nossos cultos de adoração a Deus, nossos irmãos oram pelo senhor para que Deus lhe dê sabedoria, para que o senhor seja cada dia mais justo, mais consequente com seus princípios revolucionários... Por tudo isso, nos sentimos agradecidos a Deus e ao senhor por estar aqui e por esse encontro.²²

Joel Suárez disse que o rosto de Fidel revelava o que o coração sentia quando ele respondeu:

Tuas palavras me emocionaram muito [...] porque há algo que é chave em todos e é a honestidade e a sinceridade. E essas coisas não se podem simular, essas coisas se sentem ou não se sentem, nem o melhor ator do mundo é capaz de simular a sinceridade. Isso se vê em vocês, em todos. Quando os fui saudando um por um, escutei muitas frases amáveis, generosas: Deus te abençoe, oramos por ti... com grande espontaneidade e muita sinceridade [...] Mas, entre os pedidos que você ia fazer lhe faltou um – dirigiu-se para Raúl Suárez – pedias que tivesse sabedoria, fosse cada vez mais justo, é muito correto. (mas) para que não me passem coisas como a de outro dia²³ [...]. Vejam quanto nós necessitamos de sabedoria e compreensão, de sentido de justiça e de cuidado para não cometer erros; mas não há mal que não venha para o bem.²⁴

Joel Suárez termina essa parte do relato dizendo que a partir dessa fala muitos que viviam as convicções cristãs e revolucionárias começaram a falar a partir de seus corações sobre as mudanças necessárias no país na questão religiosa. Fidel intervinha por vezes.

Suárez relata sua intervenção pessoal nesse encontro. Estava consciente de que houve desvios e empobrecimentos. Com o chamado para o IV Congresso do Partido em suas mãos, convencido de que a convocatória para o debate popular representava uma excepcional oportunidade, ele diz que, com temor e tremor, pediu a palavra: “Não sou católico e não conheço o catecismo, mas se há algo similar, me parece, são as aulas de marxismo”²⁵. Seguiu fazendo uma caracterização do marxismo-leninismo que durante muitos anos o país havia consumido acriticamente. Fidel o escutava de pé muito próximo dele, que prosseguiu:

²² Ibid., 49.

²³ Refere-se à afirmação feita no Brasil que motivou o encontro.

²⁴ Suárez, “Ni calco, ni copia, ni dogma”, 49.

²⁵ Ibid., 48.

E isso está interiorizado na mente de muitos companheiros humildes, honestos, militantes. Há gente que não conhece a Igreja e repete a frasesinha, a oração, o esqueminha: a religião é o ópio do povo. Eu creio que o documento do Partido – o chamamento ao IV Congresso – faz um chamado, e para nós é urgente rebuscar e reviver a tradição criadora do pensamento revolucionário cubano, nós cremos que é urgente, porque notamos uma dicotomia, uma diferença às vezes até antagônica, entre a beleza, a criatividade, a dialética, a ousadia de seu pensamento²⁶, de Che, de companheiros da revolução, e o escolaticismo do ensinamento político que se dão em nossas aulas... é o Partido que tem que trabalhar nessa direção desde a base, porque essa mentalidade é a que faz reagir a pessoa quando encontra com um cristão...

E entre os erros que deverão se retificar um é o campo das ciências sociais, há que resgatar a criatividade de nosso pensamento desde Varela, Martí... gente que inclusive foi cristã... e unido com um marxismo criativo, não essa escolástica que temos recebido... de manuais da época dos anos quarenta.²⁷

Fidel Castro lhe respondeu:

Você disse uma coisa, a escolástica, o dogma, como se possa chamar também... eu às vezes tenho me perguntado se em ocasiões temos convertido o marxismo em uma religião, o pior de uma religião, e quando o digo diante de vocês não estou dizendo em nenhum sentido pejorativo para as coisas da religião... O temos convertido, podemos dizer isso, em uma crença dogmática, por isso temos lhe dado certo caráter religioso... Se o transforma em uma crença, é uma religião, não é uma ciência política, não é uma doutrina política.²⁸

Ao fim do relato, Joel Suárez informa que no IV Congresso do Partido Comunista de Cuba, acontecido em 1991, o ateísmo foi retirado como condição de militância partidária. Na reforma constitucional de 1992 se recuperou o caráter laico do Estado ao eliminar toda referência ao marxismo-leninismo como sua ideologia. O texto constitucional enfatizou a liberdade de crença e de culto e condenou todas as suas formas de discriminação. Também houve reformas no sistema eleitoral que garantiram mais pluralidade na composição dos órgãos deliberativos do Estado em seus diferentes níveis. O reverendo Raúl Suárez foi eleito três vezes para a Assembleia Popular. Outras lideranças religiosas protestantes também foram eleitas. Esses cristãos revolucionários conseguiram o direito de participar no Partido da revolução.

²⁶ Disse dirigindo-se a Fidel Castro.

²⁷ Suárez, “Ni calco, ni copia, ni dogma”, 49.

²⁸ Ibid.

Considerações finais

A vitória da Revolução cubana no ano de 1959 foi um “furacão”²⁹ que significou, naquele momento, um marco de importantes rupturas nos imaginários. Inaugurou a efervescente década de 1960 na América Latina; momento romântico em que a derrota dos Estados Unidos no Vietnã e a vitória dessa revolução em uma ilha a duas centenas de quilômetros desse império parecia ensinar que tudo era possível. Os jovens dessa década faziam coro com Che Guevara: Um, dois, três, muitos Vietnãs.

Em Cuba, após a revolução fez surgir surge o sentimento de que os revolucionários estavam em fusão com a história. Os protestantes revolucionários sentiam-se nessa fusão com a história e, sem contradição, sentiam que esse processo era divino por ser criador e promotor de justiça. Sentiam-se produtos e produtores da história exercendo a condição de imagens e semelhanças de Deus por serem criaturas convidadas por Ele a “criar” a partir do sentimento daquilo que é o próprio Deus, a saber, amor.

As questões relativas à religião do IV Congresso do Partido Comunista Cubano e da reforma constitucional de 1992, incluem-se num ambiente maior e mais complexo. Não pode ser reputado apenas à questão interna das religiões no país. A mudança na questão religiosa foram elementos dentro de um movimento maior do governo cubano de responder à crise pela qual passava o regime com a queda do socialismo no leste europeu. O país perdeu aliados estratégicos e a maior parte de seu comércio internacional.

A década de 1990 ficou conhecida “período especial” marcado por uma extrema crise financeira e do próprio regime. Rompeu-se o antigo contrato social gerado pela revolução. O regime conseguiu evitar mudanças estruturais importantes, mas teve que construir uma nova ambiência política e de convivência entre os diversos grupos. O tema das religiões, igrejas e grupos religiosos foram incorporados pelo regime dentro da estratégia de gerar nova coesão nacional. Não é possível saber como as questões sobre a participação política dos fiéis religiosos na revolução teria sido tratado se não fosse a grande mudança representada pelo fim da União Soviética.

O bolchevismo herdou do iluminismo a ideia da religião como antagonista dos processos de emancipação. A visão totalizante do humano e da história bolchevique tornou sua ideia de socialismo incompatível com qualquer outra compreensão totalizante do real. As religiões tornam-se inimigas necessárias porque elas acreditam que a realidade toda está associada a uma outra realidade transcendente, universal e sagrada. A tarefa de construir o homem novo impunha a necessária eliminação da

²⁹ Ver Sartre, *Furacão sobre Cuba*.

religião pelos bolcheviques, sobretudo até o início da segunda Guerra Mundial. Essa influência marcou o regime cubano por meio da sovietação do regime.

A discriminação religiosa não é nativa do movimento revolucionário cubano que venceu a guerra contra Fulgência Batista em 1959. Esse tema não era tratado em Sierra Maestra que contou com capelães protestantes e católicos que acompanhavam as tropas fardados. Importante destacar que nossa pesquisa nos permite afirmar que houve “discriminação” religiosa; não houve “perseguição” religiosa em Cuba socialista.

Referências bibliográficas

- Arce, Sérgio. “Cristianismo y comunismo o comunismo y cristianismo”. *Caminos – revista cubana de pensamiento socioteológico* 53 (2009): 65-71.
- Castro, Fidel. “Discurso pronunciado por el comandante en jefe Fidel Castro Ruz, primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el acto conmemorativo por el V Aniversario de la Fundación de Pastores por la Paz, celebrado en el teatro ‘Manuel Ascunce Domenech’”, Ciudad Libertad, Ciudad de La Habana, el 3 de agosto de 1993, “Año 35 de la Revolución”. Versiones taquigráficas - Consejo de Estado, <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1993/esp/f030893e.html/>
- Cervantes-Ortiz, Leopoldo. “Sergio Arce: fé protestante en medio de la revolución”. *Protestante digital*, http://protestantedigital.com/cultural/37156/Sergio_Arce_Fe_protestante_en_medio_de_la_revolucion/
- Criado, Kirenia. “El maestro Arce”. *Caminos – revista cubana de pensamiento socioteológico* 52 (2009): 44-45.
- Fornet, Jorge. *El 71 – anatomía de una crisis*. La Habana: Instituto Cubano del Libro, 2013.
- Heredia, Fernando Martínez. “Sergio Arce, teología y revolución”. *Caminos – revista cubana de pensamiento socioteológico* 52 (2009): 41-43.
- Hinkelammert, Franz. “Pensamiento crítico y crítica de la razón mítica”. *Theologica Xaveriana* 57/163 (2007): 399-412.
- Sartre, Jean-Paul. *Furacão sobre Cuba* (5.ª ed.). Rio de Janeiro: Editora do autor, 1986.
- Shaull, Richard et al. *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da teologia da libertação*. São Paulo-SP: Sagarana Editora, 1985.
- Suárez, Joel. “Ni calco, ni copia, ni dogma”. *Caminos – revista cubana de pensamiento socioteológico* 52 (2009): 47-50.